



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Pré-História

- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

A COLEÇÃO DE ESTANHO DE ESPOSENDE¹

Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa²

RESUMO

Este artigo aborda o estudo da coleção de objetos de metal da exposição «Patrimónios Emersos e Submersos – Do Local ao Global», focando-se especialmente nos objetos de estanho. Esta coleção resulta do achado de uma embarcação da Época Moderna naufragada. Através da inventariação dos objetos em estudo, desenvolveu-se uma análise formal e funcional. Procura-se evidenciar o escasso estudo dedicado aos objetos de estanho em Portugal, para além de dissecar as metodologias utilizadas internacionalmente e documentar a discrepância de informação entre os diferentes contextos científicos que se têm dedicado ao tema.

Palavras-chave: Naufrágio; Objetos de estanho; Época Moderna; Belinho (Esposende).

ABSTRACT

This article addresses the study of the collection of metal objects of the exhibition «Patrimónios Emersos e Submersos – Do Local ao Global», focusing especially on pewter objects. This collection results from the discovery of a Modern Period shipwreck. Through inventorying the objects under study, a formal and functional analysis was developed. It seeks to highlight the scarce study dedicated to pewter objects in Portugal, besides dissecting the methodologies used internationally and documenting the discrepancy of information between the different scientific contexts that have been dedicated to the subject.

Keywords: Shipwreck; Pewter objects; Modern Age; Belinho (Esposende).

Após sucessivas tempestades, no inverno de 2014, reconheceu-se um importante sítio arqueológico subaquático, situado na Praia de Belinho, em Esposende. Este achado constitui um importante conjunto de madeiras, de objetos de metal, concreções ferrosas e pelouros em pedra, tendo estes sido arrojados à costa pelo mar ou mantendo-se ainda no meio subaquático, provenientes de um naufrágio que terá ocorrido há centenas de anos.

Do seu acervo, destacam-se os objetos produzidos em estanho, uma vez que se trata do material predominante do achado. Estes objetos foram muito valorizados ao longo da nossa história, pois, até à contemporaneidade, seriam objetos presentes no quotidiano de qualquer casa que fosse capaz de os adquirir (REDMAN, 1903, p. 8). Contudo, no contexto científico português, trata-se de um âmbito temático muito pouco explorado. Semelhante ao achado de Belinho, destaca-se o achado de São Ju-

lião da Barra, nos anos 90. Apesar de Portugal ter enriquecido com estes dois achados que contam com um numeroso espólio de objetos em estanho, não se manifestou entusiasmo suficiente para desenvolver esta temática no contexto científico. Note-se que apesar de haver muitos objetos de estanho preservados de geração em geração, são escassos os objetos anteriores a 1600 (NORTH, 1999, pp. 10, 33), uma vez que era comum a matéria ser fundida, para produção de um novo objeto (GOTELIPE-MILLER, 1990, p. 8; NORTH, 1999, pp. 10, 33), os objetos serem remodelados e atualizados aos novos gostos e estilos (BURGESS, 1921, p. 61), ou simplesmente descartados (GOTELIPE-MILLER, 1990, p. 8). Neste sentido, valoriza-se intensamente estes dois achados por possibilitarem o estudo de objetos intocados durante séculos.

Entende-se que o domínio do estanho entre os objetos do quotidiano da Época Moderna floresceu

1. Esta publicação integra o trabalho desenvolvido no segundo ano do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no contexto de um estágio curricular no Centro Interpretativo de São Lourenço, em Esposende. O trabalho foi orientado pela Professora Doutora Ana Cristina Sousa e supervisionado pela Dra. Ana Paula Almeida, da Câmara Municipal de Esposende.

2. up201805494@edu.letras.up.pt / elisamgtfb@gmail.com

extraordinariamente nos séculos XVI ao XVIII, em substituição da madeira, da pedra e dos materiais orgânicos, como o osso, uma vez que é um material mais higiénico (GOTELIPE-MILLER, 1990, p. 10; NORTH, 1999, p. 54.). Inicialmente, nas casas das classes mais elevadas (MASSÉ, 1910, p. 66) e, a partir de meados do século XVI, chegando às famílias de classe inferior (MASSÉ, 1921, p. 94; GOTELIPE-MILLER, 1990, p. 10; NORTH, 1999, p. 27; WEINSTEIN, 2011, pp. 61, 76-77, 78), os objetos de estanho eram tidos como uma necessidade e não tanto um luxo (GOTELIPE-MILLER, 1990, p. 10). Mais tarde, a predominância do estanho retrocedeu com a proliferação dos objetos em cerâmica, porcelana e vidro (GOTELIPE-MILLER, 1990, p. 11). Naturalmente, os artistas destas cronologias integram, nas suas obras, objetos de estanho, o que nos leva a inferir o valor que lhes era atribuído social e antropológicamente, além do seu valor prático e útil. Os objetos do quotidiano são, também, um reflexo do seu tempo. Para além de espelharem a evolução da forma, das técnicas, dos usos e do valor que lhes era atribuído, traduzem o dia-a-dia de uma sociedade.

A principal ação a concretizar no funcionamento do estágio no Centro Interpretativo de São Lourenço foi inventariar uma seleção de objetos de metal, com especial incidência nas peças de estanho. No total, foram estudados 200 objetos deste metal, 14 de latão e 1 de cobre.

1. OS PRATOS DE ESTANHO

Esta trata-se da tipologia mais numerosa, contando com 96 pratos e 90 fragmentos de prato. A partir da observação dos pratos completos, identifica-se duas categorias formais. A mais comum corresponde a pratos fundos ou semifundos, em ônfalo, com uma aba larga ou ultralarga e de bordo dobrado. Independentemente das variações na profundidade do prato e na largura da aba, visualmente entende-se como uma tipologia formal, denominada na língua inglesa como «broad rimmed pewter» (WEINSTEIN, 2011: 62). Encontra-se exposta na imagem 1. A segunda categoria corresponde a pratos rasos, sem profundidade, de aba semilarga e de bordo em aro, representada na imagem 2.

Após o reconhecimento das formas, foi necessário procurar compreendê-las no domínio formal, técnico e funcional. Relativamente às técnicas de produção, compreende-se que um molde daria forma

ao metal (REDMAN, 1903, p. 10; GOTELIPE-MILLER, 1990, pp. 11, 13; ROBERTS, 2013, p. 19). Depois, o objeto seria trabalhado com o martelo, para dar profundidade ao prato (REDMAN, 1903, p. 10; GOTELIPE-MILLER, 1990, pp. 11, 13; ROBERTS, 2013, p. 19). Os moldes seriam, geralmente, feitos de bronze, material preferido devido à sua durabilidade (GOTELIPE-MILLER, 1990, p. 13), a partir do início do século XV (NORTH, 1999, p. 12; WEINSTEIN, 2011, p. 44). Anteriormente, os moldes mais duráveis seriam de pedra ou terracota (NORTH, 1999, p. 12; SOUSA, 2010, p. 274; WEINSTEIN, 2011, p. 44). Para além destes, existiam temporários e, por isso, mais económicos, feitos de madeira, de terracota, de arenito ou de gesso (NORTH, 1999, p. 12; SOUSA, 2010, p. 274; WEINSTEIN, 2011, p. 44). O resultado seria visualmente muito idêntico ao de um objeto de prata, bem como o respetivo procedimento

Após a compreensão dos métodos de produção destes objetos, surge a primeira reflexão que relaciona o fabrico dos pratos com a sua forma, explícita na seguinte citação. «Surviving inventories show that these bronze moulds were the most valuable items in the workshop. It is clear that once an investment had been made in such moulds, there was no incentive to change a design. [...] This is why pewter shapes became so traditional, continuing in production over many years.» (NORTH, 1999: 12)

Compreende-se que, sobrevivendo um molde durante vários anos, também sobrevive a forma que este estrutura. O mesmo se verifica noutras artes do metal, como a joalharia. Para além deste entendimento, é necessário reconhecer que um molde não estaria limitado a uma só oficina. Os moldes poderiam ser emprestados ou copiados e, por isso, partilhados por diferentes locais de produção (MASSÉ, 1915, p. 293; GOTELIPE-MILLER, 1990, p. 17; SOUSA, 2010, p. 511). Neste sentido, compreende-se que este sistema de partilha e de distribuição de moldes favorece a divulgação e a sobrevivência das formas, podendo estas prolongar-se por vários anos.

Relativamente à evolução formal dos pratos modernos, reconhece-se que diferentes autores concordam nas balizas temporais que têm vindo a ser construídas. Parece consistente dizer que a categoria exemplificada na imagem 1 se enquadra nos séculos XVI e XVII (RAYMOND, 1949b, p. 111; BORN-TRAEGER, 1950, p. 146), ou especificando como Weinstein, entre 1530 e 1670 (WEINSTEIN, 2011, pp. 62, 73, 80). Contudo, North menciona dois pra-

tos semelhantes produzidos aproximadamente em 1400 (NORTH, 1999, p. 54). Tal facto propõe a existência desta forma anterior à datação supracitada. Relativamente à tipologia formal exposta na imagem 2, lê-se que esta predomina, a partir do último quartel do século XVII, especificamente após 1670 (RAYMOND, 1949b, p. 111; BORNTRAEGER, 1950, p. 146; WEINSTEIN, 2011, p. 80).

Neste ponto, confrontamo-nos com o primeiro impasse no processo de datação dos pratos achados em Belinho. Como poderá uma parte do achado ser datada entre 1530 e 1670 e uma outra ser datada posteriormente a 1670, quando todos eles são transportados por uma mesma embarcação e, por isso, paradoxalmente estarem todos eles no mesmo lugar e ao mesmo tempo? A autora Brigadier enumera cenários que possam justificar uma forma continuar a existir fora do seu tempo dominante. Primeiramente, afirma que alguns objetos poderiam ser utilizados durante meio século (BRIGADIER, 2002, pp. 102-103). Para além disso, as preferências pessoais, tanto dos fabricantes como dos compradores, são determinantes para as formas que são produzidas independentemente do seu tempo (BRIGADIER, 2002, pp. 102-103). Este entendimento enquadra a sua afirmação «dating unmarked pewter based on shape is simply impossible» (BRIGADIER, 2002: 103). Neste seguimento, depreende-se que a sobre-categorização das formas e a datação dogmática dos objetos de estanho da Época Moderna não são adequadas à realidade de fabrico destes objetos, pelo que não é apropriado seguir escrupulosamente estas balizas limítrofes.

Note-se que o achado de Belinho não é a única coleção de objetos que contesta a veracidade e a adequação das balizas temporais que têm vindo a ser definidas. Também os objetos achados em Punta Cana, tratados no relatório feito por ROBERTS (2013) e os objetos achados em São Julião, estudados por CASTRO (2000) e BRIGADIER (2002), confirmam a sobrevivência das formas para lá das balizas que autores anteriores criaram. Após a análise das três publicações, conclui-se que os autores reconheceram que as formas dos pratos achados são tão válidas para meados do século XVI como para o início do século XVII, confirmando a ideia de que as formas sobrevivem ao longo da Idade Moderna com muita consistência.

Em segundo, pinturas e esculturas da Época Moderna, que incluem representações de objetos do quotidiano de estanho, e objetos de estanho musealizados

também nos fazem questionar essas mesmas balizas temporais que limitam as características formais de um objeto. A seleção presente nas seguintes imagens é suficiente para comprovar que recorrentemente vemos pratos de fundo em ônfalo posteriores ao século XVI, além de se reconhecer uma variedade de proporções para as abas, profundidade do covo e diâmetro dos pratos. As casas de bonecas, datadas dos séculos XVII e XVIII e integradas na imagem 3, esclarecem muito rapidamente sobre a convivência das formas. Nas suas cozinhas, que refletem certamente as cozinhas do seu tempo, encontram-se simultaneamente pratos rasos ou fundos, de aba curta ou larga e com fundo em ônfalo ou raso.

Esclarecendo a necessidade de repensar as balizas temporais para já definidas, a autora Gotelipe-Miller afirma:

«Since the available dating schemes have been compiled from flatware survived in attics, or have been passed down through generations as keepsakes or “collector’s items”, it is felt that these are biased towards the more remarkable examples of pewter manufacture, and that everyday utilitarian wares are not well represented. Indeed we may see a Shift in existing dating horizons as more archaeological pewter is recovered.» (GOTELIPE-MILLER, 1990: 29).

2. AS MARCAS NOS PRATOS DE ESTANHO

Durante a investigação foram encontradas 54 marcas em pratos. Contudo, havendo um elevado número de objetos que não passaram ainda por intervenções de conservação e de restauro, reconhece-se que poderá haver mais marcas por detetar e que algumas poderão ser achadas somente após estas intervenções, à imagem do que aconteceu no achado de Punta Cana (ROBERTS, 2013, p. 5).

O reconhecimento da tipologia das marcas foi difícil, devido ao mau estado de conservação dos objetos e à irregularidade do material. Várias vezes se questionou se algum elemento seria de facto uma marca ou somente a textura anormal do estanho corroído, resultante da exposição à água do mar durante séculos. Reconhecendo-se uma marca, em alguns dos casos foi difícil compreender a sua forma. Não obstante, identificou-se duas tipologias. A mais comum entre o achado é o martelo coroadado, totalizando 44 marcas. A segunda marca é irreconhecível, porém sugere ou uma rosa coroadada, como foi proposto an-

teriormente pela equipa de investigação (ALMEIDA & *alii*, 2017, p. 83) ou uma letra capital, segundo a nossa observação. Totaliza somente 7 marcas, todas elas num mau estado de conservação.

Normalmente, a função primordial da marca é permitir identificar o seu produtor e o seu contexto de produção, temporal e espacial. Por sua vez, tal serve outras intenções. Para além de permitir reconhecer quais os fabricantes que cumprem ou não com as regulamentações da produção de estanho (BELL, 1906, p. 37), uma marca também poderá beneficiar o fabricante, publicitando a sua produção (MASSÉ, 1910, p. 48). Acrescenta-se que uma marca poderá servir para clarificar o proprietário de um objeto, a sua qualidade, se este está destinado à exportação, entre outros propósitos.

A maior dificuldade consiste, de facto, em determinar a função de uma marca. Desde já se entende esta realidade como extraordinariamente complexa. O desenho de uma marca pode ter assumido várias camadas de significado, sendo muito difícil categorizar a sua função. Para além disso, a vasta propagação dificulta o reconhecimento do seu contexto de produção. As marcas podiam ser transmissíveis e herdadas e, para além disso, emprestadas (MASSÉ, 1910, p. 194). A acrescentar ambiguidade ao seu estudo, é necessário, em todos os panoramas, ter em conta as falsificações. Estas incluem marcas que nunca foram registadas, cópias das marcas de outrem, entre outros cenários. Um investigador que se centre no estudo das marcas vai sempre confrontar-se com numerosas e complexas camadas que dificultam o processo de associação de uma marca a um mestre. Não obstante, vários autores refletem sobre a evolução das formas das marcas ao longo do tempo, o que poderá esclarecer na datação de um objeto. Tal análise tem de estar associada ao estudo da forma do objeto, uma vez que a datação de uma marca nem sempre é coerente com a datação que o objeto marcado sugere. A refundição da matéria ou a remodelação de uma peça (BURGESS, 1921, p. 61), através da adição ou eliminação de elementos, eram práticas comuns, pelo que é perfeitamente possível que a marca presente no objeto antes da intervenção possa permanecer inalterada. Um outro risco a ter em conta é a de que a data, esteja ela incluída na marca ou marcada isoladamente noutra área do mesmo objeto, possa não coincidir com a data de produção do objeto, como esclarece a seguinte citação. «Not unfrequently a date is found to be a part of the

maker's mark. In such cases it would be safe to say that the piece must have been made within twenty or twenty-five years of the date given.» (REDMAN, 1903: 56). Para além disso, acrescenta-se o facto de que um objeto poderia ser exportado, sem marca, e marcado quando chegasse ao destino, o que pode induzir em erro no processo de identificação do contexto geográfico de produção.

2.1. O martelo coroadado

Dentro desta categoria, é possível encontrar marcas de um martelo coroadado ladeado por duas letras (41 marcas) ou encimado por uma flor de cinco pétalas (3 marcas). Em todos os casos identificados no achado de Belinho, a marca encontra-se puncionada na frente da aba, perto do bordo.

Relativamente à primeira forma, as duas letras sempre foram interpretadas como as iniciais do mestre da oficina que fabricou os objetos. No caso do achado de Belinho, numa observação mais superficial, poder-se-ia identificar as duas letras como sendo um U e um C (ALMEIDA & *alii*, 2017, p. 84.). No entanto, numa observação mais atenta, reconhece-se que o U tanto se assemelha à letra U num traçado gótico como, ao mesmo tempo, à letra Mi ou Um do alfabeto grego. De modo a esclarecer a questão, analisou-se o tamanho das várias marcas achadas e compreendeu-se que este varia, o que, por sua vez, significa que não foi uma só punção que marcou os 40 pratos com esta marca, mas sim várias punções de diferentes tamanhos. Será que se trata, de facto, de um U com um desenho gótico? Será a letra Mi do alfabeto grego? Caso se verifique, qual é o seu significado? A resposta mais natural será tratar-se da letra U sob um desenho gótico, principalmente tendo em conta a cronologia de produção.

A opção por criar uma marca que incluía um martelo é justificável pelo facto de este se tratar de um dos instrumentos mais importantes no trabalho de metal (MASSÉ, 1915, p. 117). Apesar de não se saber especificar o seu tempo de origem, afirma-se que «the early marks were hammers and crowned hammers like in the early French and Flemish pewtering regions» (GADD, 1999: 8). Para além destas regiões, a marca do martelo surge também em Inglaterra, na Escócia, na Alemanha e na Suíça (HINTZE, 1921b, p. 18; HINTZE, 1931, pp. 301, 335, 375, 385, 388, 413, 414; HAGNAUER, 1948, p. 57; GADD, 1999, p. 8; WEINSTEIN, 2011, pp. 24, 140). Neste sentido, questiona-se: como datar uma forma que existiu durante tantos

séculos? Como reconhecer o seu local de produção quando a sua propagação é tão ampla?

Quanto à sua datação, por comparação com marcas estudadas por outros autores, reconhece-se uma semelhança formal com uma marca datada do século XVI, outra de meados do mesmo século e uma última datada de 1638. Neste sentido, sugere-se a hipótese de a marca do achado de Belinho datar do século XVI e primeira metade do século XVII. Quanto ao seu contexto geográfico, as marcas expostas na imagem acima são provenientes de Inglaterra, França, Países Baixos, Alemanha e Suíça, pelo que dificilmente se compreenderá em que contexto se enquadra a marca do achado de Belinho.

Quanto à sua função, questiona-se se originalmente não se trataria da marca de uma guilda inglesa (WEINSTEIN, 2011, pp. 45, 120, 135, 143, 166) e se, somente mais tarde, lhe foi atribuído o valor de marca de qualidade. Também se levantou a hipótese de se tratar de uma marca de cidade ou de região dedicada ao trabalho em estanho, sugestão proposta por HAGNAUER (1948: 57).

2.2. A rosa coroada? Ou a letra capital?

A segunda marca reconhecida é de difícil interpretação. A proposta feita anteriormente é que se trate de uma rosa coroada, marca muito comum no estanho da Idade Moderna. Contudo, devido ao elevado nível de degradação de todos os exemplares achados, não se pode afirmá-lo com a devida certeza. Igualmente possível é a hipótese de se tratar de uma letra capital. Em todos os casos, a marca encontra-se punccionada no reverso da aba, ao contrário das marcas do martelo coroado analisadas anteriormente.

Após o levantamento de marcas rosa coroada compreende-se que a estilização mais comum não se assemelha à composição formal da marca achada em Belinho. Comummente, a marca possui uma composição circular, enquanto que, no achado de Belinho, tal não ocorre. De qualquer modo, procurou-se saber mais sobre a marca rosa coroada. É comum esta ser interpretada como uma marca de qualidade (REDMAN, 1903, p. 24; GADD, 1999, p. 8). Contudo, esta afirmação ainda é alvo de muita discussão. Alguns estudiosos defendem que a rosa coroada seria uma marca de exportação inglesa (REDMAN, 1903, p. 14; WEINSTEIN, 2011, p. 160), copiada, posteriormente, pelos países do Norte da Europa enquanto marca de qualidade (MASSÉ, 1910, p. 193; MASSÉ, 1921, pp. 140-141). Dois autores mencionam que a primeira

aparição da marca rosa coroada data de 1523, na Antuérpia, atuando como marca de qualidade (GADD, 1999, p. 8; WEINSTEIN, 2011, p. 191). A partir daí, tornou-se uma marca de exportação para os objetos de estanho londrinos, talvez a favor da vontade dos importadores e mercadores emigrantes (GADD, 1999, p. 8). De facto, não é claro qual dos dois valores terá sido associado primeiro à marca rosa coroada. Contudo, um objeto marcado com esta seria tido como de qualidade, uma vez que a marca rosa coroada ou significava qualidade ou que era de exportação inglesa. Sendo que Inglaterra foi o maior produtor e exportador europeu, durante a Idade Moderna, os seus produtos eram muito procurados.

Acrescenta-se, ainda, a hipótese de Weinstein, que diferencia a rosa coroada ladeada pelas iniciais do monarca como uma marca de exportação inglesa; a rosa coroada ladeada pelas iniciais do autor do objeto como uma marca pessoal do produtor; e, por fim, a rosa coroada isolada como uma marca de qualidade (WEINSTEIN, 2011, p. 187).

A proposta de a marca de Belinho corresponder a uma letra capital surgiu na sequência da identificação de uma marca correspondente a um H, no inventário NEISH, RICKETTS (2018, p. 30). Esta está marcada num prato inglês datado de 1490 a 1530. A aproximação formal é notória. Infelizmente, ainda não foi possível avançar mais com a hipótese, pois trata-se de uma semelhança formal única.

3. AS ESCUDELAS DE ESTANHO

Na seleção em estudo, identificaram-se três escudelas de estanho. A função mais antiga conhecida para esta tipologia é a de servir comida semilíquida como caldos, sopas e papas (HAYWARD, MARSDEN, 2015, pp. 10, 11). Contudo, a escudela servia muitos outros propósitos. Nas palavras de MICHAELIS (1949a: 23), «It is probably quite true to say that porringers were, at times, used for all the purposes indicated by their various appellations».

Partindo da metodologia aplicada no estudo de Hayward e Marsden, compreende-se que a análise formal desta tipologia está muito compartimentada. Os elementos de análise são o fundo do covo, as paredes deste, as asas e, por fim, os *brackets*. Os *brackets* são um elemento estrutural que reforça o ponto de ligação entre as asas e o covo do objeto, encontrando-se por baixo das asas. Neste sentido, reconhece-se que uma das escudelas estudadas possui um covo de fun-

do em ônfalo de categoria *bossed* (vide HAYWARD, MARSDEN, 2016, p. 8), de paredes curvas e duas abas de cinco lóbulos. A segunda possui um covo de fundo em ônfalo de categoria *domed* (vide HAYWARD, MARSDEN, 2016, p. 8), de paredes curvas e duas abas de três lóbulos, uma delas incompleta. Por fim, na terceira escudela, gravemente deformada devido a críticas alterações estruturais, reconhece-se meramente as duas abas de três lóbulos, sendo a tipologia do covo irreconhecível.

Relativamente à técnica de produção desta tipologia de objetos, o fabrico do covo é semelhante ao fabrico dos pratos, desenvolvido no ponto anterior, pois este é estruturado através da moldagem. A produção de uma escudela particulariza-se pelo acrescento das asas ao covo. Apesar de ser possível, a partir de um só molde, estruturar uma escudela com asas, este processo de fabrico é muito mais raro (HAYWARD, MARSDEN, 2015: 8). De facto, o normal seria produzir, de forma independente, as asas e o covo e, mais tarde, soldá-los (HAYWARD, MARSDEN, 2015, p. 9). Tendo em consideração a informação recolhida valida-se a hipótese de que as três escudelas achadas em Belinho terem sido produzidas entre meados do século XV e meados do século XVII. No entanto, retomam-se as reflexões sobre a sobrecategorização das formas e o consequente dogmatismo dos sistemas de datação construídos feitas no ponto 1. Novamente, verifica-se que a seguinte seleção nos obriga a questionar as balizas temporais para já definidas. O facto de haver pouco conhecimento sobre escudelas de estanho cria uma dependência muito grande num reduzido núcleo de autores e publicações. Daí que não se consiga confrontar diferentes realidades do estudo das escudelas de estanho modernas. Neste sentido, reconhece-se a necessidade de desenvolver o tema, a partir da observação de uma maior e mais variada seleção de objetos.

4. A COLHER DE ESTANHO

Na seleção em estudo, inclui-se uma colher e um fragmento de colher, correspondente a uma concha. Socialmente, a colher era um objeto com um trato muito específico. Ao contrário do restante serviço de mesa, era comum cada convidado levar a sua própria e individual colher (WEINSTEIN, 2011, p. 53). Ao comer, as colheres podiam servir dois propósitos. Em primeiro lugar, levariam a comida à boca, quando esta se tratasse de uma comida líquida ou semilíquida

da como sopas, caldos ou papas (NORTH, 1999, p. 39; WEINSTEIN, 2011, pp. 61, 218). Caso se tratasse de comida sólida, a colher apoiaria a comida a ser cortada com a faca (WEINSTEIN, 2011, pp. 61, 73, 104), função idêntica à do garfo adotado a partir do século XV (WEINSTEIN, 2011, p. 104), mas mais divulgado no século XVII (WEINSTEIN, 2011, p. 61). Percebe-se que os dois objetos apresentados são formalmente distintos. O fragmento de colher possui uma concha de menor largura do que a concha da colher completa. Apesar disso, ambas as conchas são consideradas em forma de figo. Relativamente à haste sobrevivente, é mais plana perto da concha e, ao longo do comprimento até ao remate, vai tomando uma forma quadrilátera de arestas arredondadas. O remate da haste é uma esfera apontada na extremidade superior.

Considerando a informação conseguida através da leitura da bibliografia, compreende-se que os elementos de análise de uma colher concentram-se na concha, na haste e no seu remate e, a partir do início do século XVII, a «rat-tail» (WADLEY, 1985: 31). Esta trata-se de uma língua, que pode ser interpretada como uma extensão da haste para a concha, que serviria para reforçar o arranque da haste, para estruturalmente melhor suportar o peso da concha (WADLEY, 1985, p. 31).

Entende-se que é consensual entre os diferentes autores que a evolução formal da colher em estanho é muito semelhante à da colher em prata (MASSÉ, 1910, p. 174; MASSÉ, 1921, p. 17; HOMER, 1980, p. 14), uma vez que seria natural os fabricantes procurarem satisfazer a procura por uma nova forma, independentemente do material. A evolução formal da colher poderá ser justificada no método de produção da colher. A partir de um molde, cria-se a sua forma (MASSÉ, 1910, p. 58). Depois de moldada, a colher seria martelada (PRICE, 1908, p. 16; MASSÉ, 1915, p. 208; MASSÉ, 1921, p. 105).

Novamente, reflete-se acerca da discriminação em tipologias separadas pelas diferenças formais. Price categoriza mais de 30 tipologias. Contudo, mais uma vez, questiona-se esta tendência para a sobrecategorização das formas.

Analisando a imagem acima, verifica-se que os objetos musealizados corroboram a categorização definida pelos autores, excetuando duas características que fogem à datação por eles definida. Ao contrário do que tem sido dito, o remate esférico sobrevive após a viragem para o século XVI e o aparecimen-

to do *rat-tail* é anterior ao século XVII. Apesar de a informação bibliográfica ser corroborada pelos objetos levantados, esta informação pode, mesmo assim, não ser válida. Um conjunto de cenários justifica o facto de não terem sido encontradas mais colheres formalmente semelhantes àquelas em estudo. Entre eles, o descarte de objetos; a refundição destes, para aproveitamento do metal, criação de novas peças e a remodelação de objetos. Para além disso, é essencial ter em conta que não é possível encontrar um número tão elevado de colheres musealizadas comparativamente aos restantes objetos.

Neste sentido, enfatiza-se que não se deve partir de uma pequena seleção de peças musealizadas para datar a evolução formal dos objetos, sem ter em consideração os variados e muito comuns cenários que justifiquem o desaparecimento de uma tipologia formal a partir de um determinado período.

5. O BACIO DE ESTANHO

Na seleção em estudo, integra-se um objeto classificado como um bacio. De facto, reconhece-se que esta identificação é provável, uma vez que foram achados objetos formalmente muito semelhantes. Contudo, tendo em conta a sua dimensão, também se reconhece a hipótese de se tratar de uma caneca ou de um jarro. Devido ao seu estado de degradação, a tipologia não é facilmente reconhecível.

Após se reconhecer que não existe bibliografia específica sobre bacios, as únicas fontes para o estudo deste objeto foram representações imagéticas de objetos semelhantes e bacios musealizados formalmente próximos.

Novamente, o levantamento imagético comprova a existência de várias formas muito idênticas, ao longo de vários séculos, com exemplares desde o século XVI até ao XVIII. Esta forma possui um corpo oco, semelhante a um jarro, com uma ou duas asas. Compreende-se que, tratando-se esta de uma forma muito funcional, não houve necessidade de a alterar consideravelmente. Independentemente disso, reconhece-se algumas variantes estruturais e formais. Exemplificando, é possível encontrar bacios modernos com tampa, com uma ou duas asas, mais ou menos onduladas, num alargado leque material que inclui cerâmica e outros metais.

Infelizmente, uma vez que se trata de um objeto muito mundano, não lhe deverá ter sido atribuída muita importância ou atenção. Tratar-se-ia de um objeto

facilmente descartado, o que contribuiu para a sobrevivência de menos exemplares musealizados. Para além disso, por parte dos próprios equipamentos culturais, poderá não ser um objeto muito privilegiado, levando a que seja mais difícil conseguir acesso a informação sobre esta tipologia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face à falta de publicações científicas portuguesas centradas na questão, a bibliografia estrangeira, especialmente inglesa, é fundamental para colmatar as lacunas que envolvem o tema em análise. A Inglaterra é o país que mais produz e divulga informação científica sobre objetos de estanho. Para além disso, valorizou-se publicações sobre achados de espólios de objetos de estanho, naufragados ou escavados. Duas destas publicações tratam o achado português de São Julião da Barra. Naturalmente, as publicações da equipa de investigação sobre o achado de Belinho foram fundamentais para compreensão da informação já produzida sobre a coleção em estudo. Note-se que o seu âmbito não se particulariza nos objetos de estanho, abordando, de forma mais geral, a totalidade das tipologias e dos materiais do achado de Belinho, sob a perspetiva da Arqueologia. Neste sentido, o contributo de uma perspetiva da História da Arte, dos Estudos Patrimoniais e da Cultura Visual é inovadora.

Privilegiando estas três perspetivas, a primeira fase metodológica consistiu na observação dos objetos em estudo e na análise da bibliografia levantada, de objetos musealizados e de representações de objetos formalmente semelhantes às peças em estudo. Numa segunda fase, confrontou-se estas quatro esferas de informação recolhida. Desta maneira, cumpriu-se os principais objetivos da investigação: compreender este conjunto de objetos patrimoniais, incluindo uma perspetiva da História da Arte, dos Estudos Patrimoniais e da Cultura Visual; criar um alicerce para uma futura divulgação dos objetos; reconhecer a importância deste achado e, por fim, promover o seu reconhecimento por parte da comunidade.

Face ao que foi apresentado ao longo do presente texto, reconhece-se a inadaptação das balizas temporais para já criadas, sustentadas sob preconceitos dogmáticos relativos às características formais dos objetos. Em segundo, confronta-se a inadequação da informação conseguida através do estudo de uma pequena seleção de objetos, sem ter em considera-

ção os vários cenários que justifiquem o desaparecimento de objetos e, consequentemente, de uma certa característica formal e os cenários que justifiquem a sobrevivência de uma forma para lá do seu tempo dominante. Nesse sentido, evidencia-se a necessidade por criar novos alicerces teóricos para o estudo dos objetos de estanho. Por fim, reconhece-se como essencial avançar no estudo das marcas de estanho, cultivando uma mais imediata e mais acessível partilha de informação.

Conclui-se que o presente tema apresenta um grande potencial e possui um leque de tópicos ainda intocados, à escala nacional e internacional. Entre estes enumera-se a produção e importação de objetos de estanho em Portugal (ZELLER, 1985; BRIGADIER, 2002); o comércio deste tipo de objetos (HORNSBY, 1981, P. 141), incluindo a relação entre a sua produção, venda, transporte, exportação e importação; a compreensão da produção de objetos de estanho a partir da análise do espaço físico das oficinas que os produziam (EGAN, 1996, p. 83) e, por fim, o lugar da mulher na produção de estanho (MASSÉ, 1910, pp. 53-54). Muitas poucas considerações foram feitas relativamente aos temas citados.

Especificamente no caso do achado de Belinho, recomenda-se fazer uma análise química dos objetos achados, para melhor compreensão do seu contexto geográfico de produção (WEINSTEIN, 2011, p. 24); fazer uma limpeza de todos os objetos, pois, devido ao seu mau estado de conservação, algumas marcas poderão estar invisíveis (ROBERTS, 2013, p. 5). Relativamente a formas de divulgação do achado, considera-se o modelo de reconstrução e de recriação digitais em 3D, utilizado na musealização dos achados do Mary Rose e do Vasa, inspiradores.

Por fim, recordando as contingências atuais que a temática apresenta, reconhece-se que não foi objetivo do presente trabalho apresentar respostas, mas questionar o conhecimento para já divulgado e confrontar diferentes realidades, a fim de se sustentar um futuro desenvolvimento do tema.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ALMEIDA, Ana; CASTRO, Filipe; MONTEIRO, Alexandre; MAGALHÃES, Ivone (2017) – *O naufrágio quinhentista de Belinho, Esposende: Resultados preliminares. Al-madan*. Almada. Série II. 21, pp. 80-95.

BELL, Malcolm (1906) – *Old Pewter*. Londres: George Newnes Limited.

BORNTRAEGER, Anne (1950) – *Pewter in Art* [em-linha]. *The Bulletin – The Pewter Collectors' Club of America*. [S.l.]. Vol II. 8, pp. 146-152.

BRIGADIER, Sarah (2002) – *The artifact assemblage from the Pepper Wreck*. Texas: Texas A&M University. Dissertação de mestrado.

BURGESS, Fred (1921) – *Silver: Pewter: Sheffield Plate*. Londres: George Routledge & Sons, LTD.

CASTRO, Filipe (2000) – *Pewter Plates from São Julião da Barra, a 17th century site at the mouth of the Tagus river, Lisbon, Portugal*. Texas: College Station.

GADD, Jan (1999) – *The Crowned Rose as a secondary touch on pewter. The Journal of The Pewter Society*. [S.l.]. Vol. XII. 2.

GOTELIPE-MILLER, Shirley (1990) – *Pewter and Pewterers from Port Royal, Jamaica: Flatware before 1692*. Texas: Texas A&M University.

HAGNAUER, Maximilian (1948) – *Touchmarks on swiss pewter. The Bulletin – The Pewter Collectors' Club of America*. II. 3, pp. 49-52.

HAYWARD, Peter; MARSDEN, Mike (2015) – *English Porringers post-1650: Part 1. Journal of the Pewter Society*. Outono.

HAYWARD, Peter; MARSDEN, Mike (2016) – *English Porringers post-1650: Part 2. Journal of the Pewter Society*. Primavera.

HINTZE, Erwin (1921) – *DIE DEUTSCHEN ZINNGIESSER UND IHRE MARKEN BAND II: NÜRNBERGER ZINNGIESSER*. Leipzig: Hiersemann.

HINTZE, Erwin (1931) – *DIE DEUTSCHEN ZINNGIESSER UND IHRE MARKEN BAND VII: SÜDDEUTSCHE ZINNGIESSER*. Leipzig: Hiersemann.

HOMER, Ronald (1980) – *Base Metal Spoons. Antique Collecting*. Setembro, pp. 14-16.

MASSÉ, H. (1910) – *Pewter Plate*. Londres: George Bell and Sons.

MASSÉ, H. (1915) – *Chats on Old Pewter*. Nova Iorque: Frederick A. Stokes Company publishers.

MASSÉ, H. (1921) – *The Pewter Collector: A Guide to English Pewter with some Reference to Foreign Work*. Londres: Herbert Jenkins Limited.

MICHAELIS, Ronald (1949) – *English Pewter Porringers: Part I. Apollo*. Julho, pp. 23-26.

NEISH, Patricia; RICKETTS, Carl (2018) – *The Neish Pewter Collection: A Catalogue by Patricia Neish*. [S.l.]: Jane Darroch Riley.

NORTH, Anthony (1999) – *Pewter at the Victoria and Albert Museum*. Londres: V&A Publications.

PRICE, Hilton (1908) – *Old Base Metal Spoons with Illustrations and Marks*. Londres: B. T. Bastford, 94, High Holborn.

RAYMOND, Percy (1949) – *Influence of English on American Pewter. The Bulletin – The Pewter Collectors' Club of America*. II. 6, pp. 109-118.

REDMAN, William (1903) – *Handbook of Information on Pewter and Sheffield Plate with full particular of touch marks, marker«s marks, etc..* Bradford: Price.

ROBERTS, Martin (2013) – *The Punta Cana Pewter Wreck. Pewter: Origin, Styles, Makers & Commerce*.

SOUSA, Ana (2010) – *Tyolo da prata (...), do arame, estanho e ferro (...), latam cobre e cousas meudas... Objectos litúrgicos em Portugal (1478-1571)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento.

WADLEY, Cathryn (1985) – *Historical analysis of pewter spoons recovered from the sunken city of Port Royal, Jamaica*. Texas: Texas A&M University.

WEINSTEIN, Rosemary (2011) – *The Archeology of Pewter Vessels in England 1200-1700: A Study of Form and Usage*. Durham: Universidade de Durham.

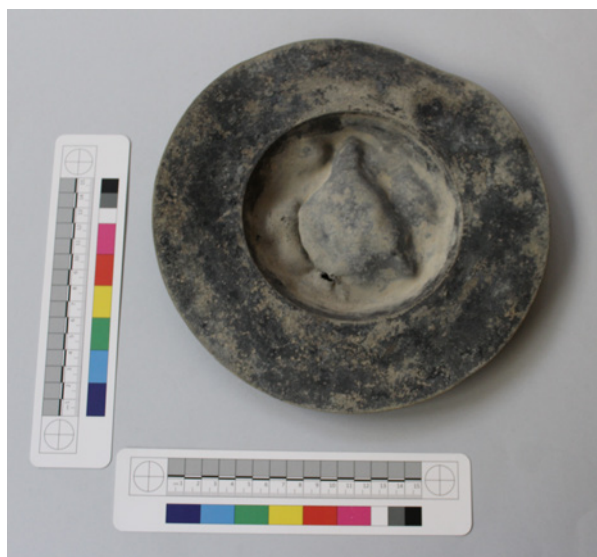


Imagem 1 e 2 – Fotografias dos objetos ME.ARQ.SUB.0089 e ME.ARQ.SUB.0074, respetivamente. Diâmetro máximo (respetivamente): 24 e 22 cm; diâmetro interno (respetivamente): 13 e 14.6 cm; Largura da aba (respetivamente): 5.3 e 3.5 cm; peso (respetivamente): 620 e 475 g. Números de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0089.IM (1) e ME.ARQ.SUB.0074.IM (1). Fonte: fotografias da autora.



Imagem 3 – Esquema com o levantamento de objetos e de representações de objetos formalmente semelhantes aos pratos em estudo, do século XV até ao século XIX. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha miro.



Imagem 4 e 5 – Pormenor de fotografias dos objetos ME.ARQ.SUB.0074 e ME.ARQ.SUB.0009, respetivamente. Comprimento da marca (respetivamente): 9 mm e 16 mm; largura da marca (respetivamente): 5 mm e 11 mm. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0074.IM (10) e ME.ARQ.SUB.0009.IM (8). Fonte: fotografias da autora.

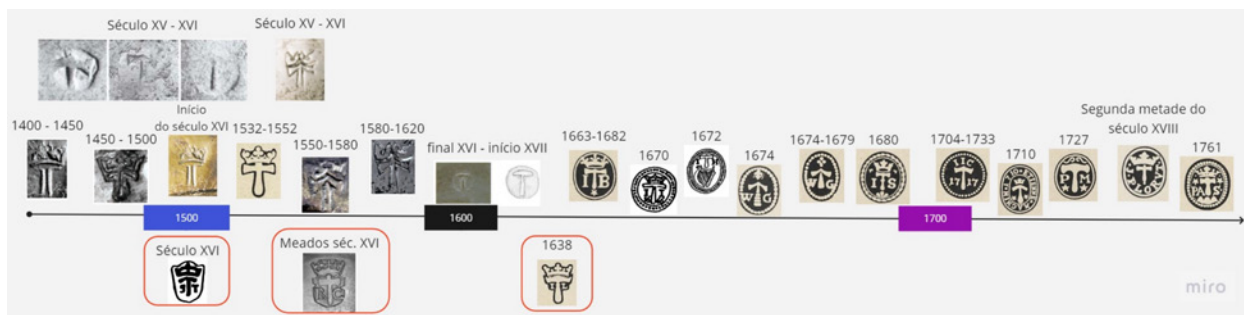


Imagem 6 – Esquema com o levantamento de representações de marcas do martelo coroado. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha miro.



Imagem 7 e 8 – Pormenor de fotografias dos objetos ME.ARQ.SUB.0188 e ME.ARQ.SUB.0091, respetivamente. Comprimento da marca (respetivamente): 8 mm e 8mm; largura da marca (respetivamente): 8mm e 7mm. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0188.IM (6) e ME.ARQ.SUB.0091.IM (12). Fonte: fotografias da autora.

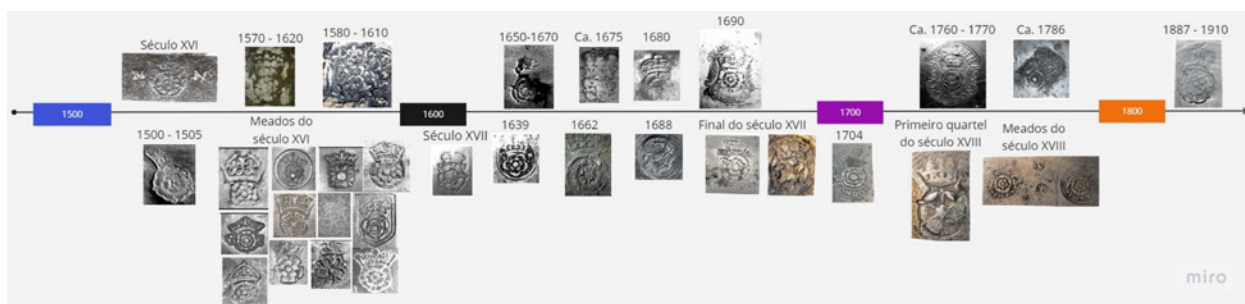


Imagem 9 – Esquema com o levantamento de representações de marcas da rosa coroada. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha miro.



Imagem 10 e 11 – Fotografia dos objetos ME.ARQ.SUB.0006 e ME.ARQ.SUB.0337, respetivamente. Diâmetro do covo (respetivamente): 14,4 cm e 16,5 cm; largura da aba (respetivamente): 6 cm e 3 cm; peso (respetivamente): 366 g e 416 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0006.IM (10) e ME.ARQ.SUB.0337.IM (13). Fonte: fotografias da autora.

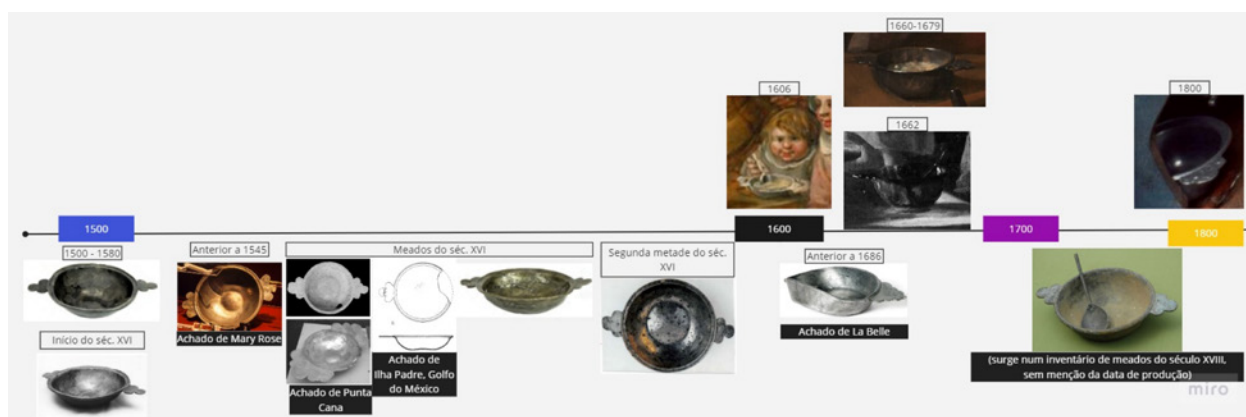


Imagem 12 – Esquema com o levantamento de objetos musealizados e de imagens com representações de objetos formalmente semelhantes às escudelas em estudo. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha miro.



Imagem 13 e 14 – Fotografias dos objetos ME.ARQ.SUB.0717 e ME.ARQ.SUB.0715, respectivamente. Comprimento da colher: 15 cm; comprimento da concha (respectivamente): 6 cm e 6.2 cm; largura da concha (respectivamente): 6.5 cm e 5 cm; comprimento da haste e do remate: 9 cm; peso (respectivamente): 27 g e 21g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0717.IM (6) e ME.ARQ.SUB.0715.IM (7). Fonte: fotografias da autora.

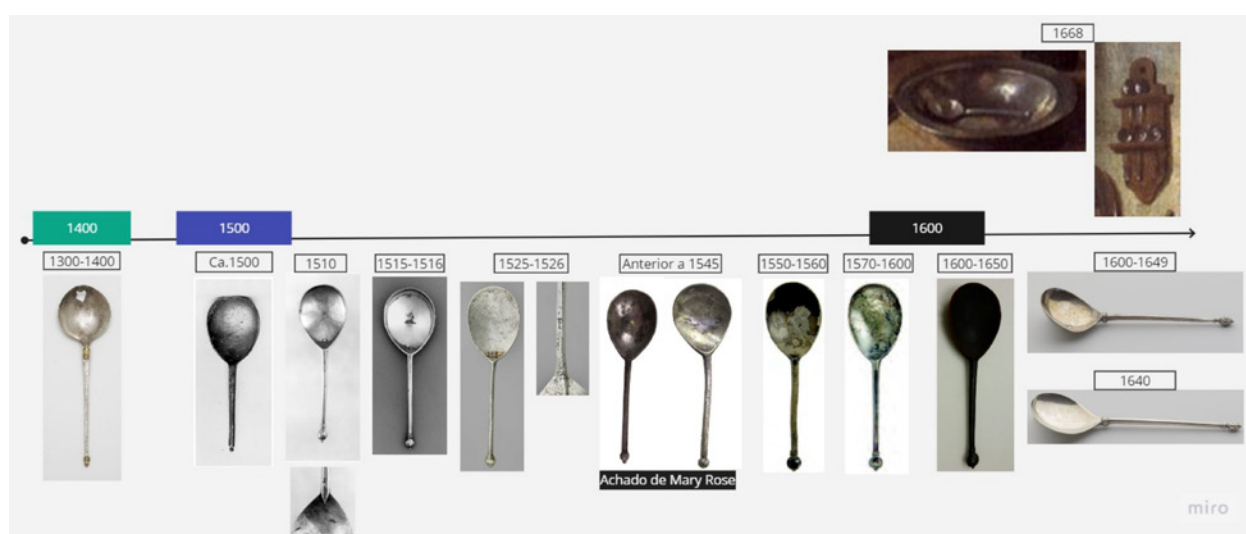


Imagem 15 – Esquema com o levantamento de objetos musealizados e de imagens com representações de objetos formalmente semelhantes à colher em estudo. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha miro.



Imagem 16 – Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0347. Altura: 14.5 cm; Comprimento da aba: 14.7 cm; peso do bacio: 1163 g; peso da asa: 152 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0347.IM (4). Fonte: fotografia da autora.

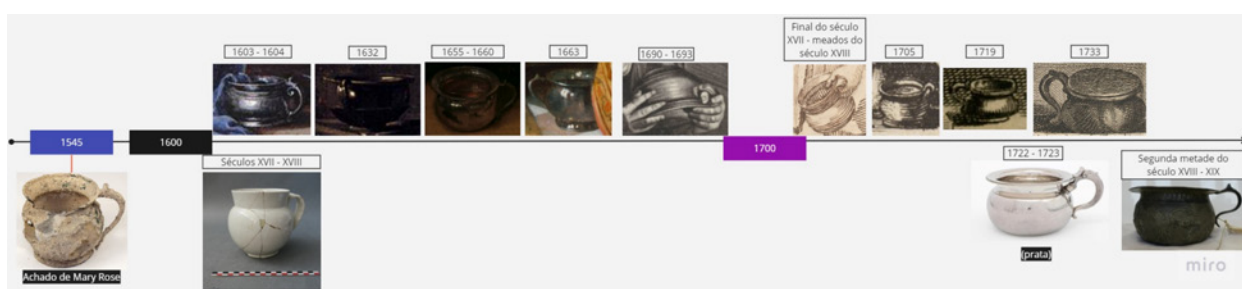


Imagem 17 – Esquema com o levantamento de objetos musealizados e de imagens com representações de objetos formalmente semelhantes ao bacio estudo. Fonte: Elaboração da autora, na plataforma em-linha miro.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO: INEQUILIDADE DE LETRAS - UE
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**